

NAMORO



EDITADO POR 

FONTE DOS TEXTOS E IMAGENS

opusdei.org/pt-pt

IMAGEM DA CAPA

www.vecteezy.com

SUMARIO

1. Namoro e casamento: como acertar com a pessoa?
2. Namoro: o papel dos sentimentos e das paixões
3. O sentido do namoro: conhecer-se, conviver, respeitar-se
4. Namoro e vida cristã
5. O mistério do matrimónio
6. O matrimónio: uma vocação e um caminho divino
7. Dias dos namorados: 5 áudios em português para ouvir em conjunto
8. Vídeo: "Uma oportunidade para ser felizes"

Namoro e casamento: como acertar com a pessoa?

Preparar-se para empreender uma viagem para toda a vida exige escolher o acompanhante adequado. Que pistas dá a fé cristã? Como harmonizar a cabeça e o coração? Prossegue a série de artigos sobre o amor humano.



Uma das tarefas mais importantes do namoro é poder passar da paixão (a constatação de que alguém origina numa pessoa sentimentos únicos que o inclinam a abrir a intimidade, e que dão a todas as circunstâncias e eventos uma cor nova e diferente, isto é, um fenómeno tipicamente afetivo), para um amor mais efetivo e livre. Esta transição é possível através do aprofundamento do conhecimento mútuo e de um ato nítido de entrega de si por parte da vontade.

Nesta etapa é importante conhecer realmente o outro, e verificar a existência ou inexistência entre ambos de um entendimento básico para compartilhar um projeto comum de vida conjugal e familiar: “que vos ameis - aconselhava S. Josemaria -, que convivam, que se conheçam, que se

respeitem mutuamente, como se cada um fosse um tesouro que pertence a outro"[1].

Ao mesmo tempo, não é suficiente conviver e conhecer o outro em si mesmo; também há que parar e analisar como é a inter-relação entre os dois. Convém pensar como é, e como atua, o outro *comigo*; como sou e como atuo *com ele*; e como é a própria relação em si mesma.

O namoro, uma escola de amor

Na verdade, uma coisa é como uma pessoa é, outra como se manifesta na sua relação comigo (e vice-versa), e ainda outra distinta, como é a relação em si mesma, por exemplo, se se apoia excessivamente no sentimento e na dependência afetiva. Como afirma S. Josemaria: “O namoro deve ser uma ocasião para aprofundar o afeto e o conhecimento mútuo. E, como toda a escola de amor, deve ser inspirado não pela ânsia de posse, mas por espírito de entrega, de compreensão, de respeito, de delicadeza”[2].

Aprofundar no conhecimento mútuo implica fazer-se algumas perguntas: qual o papel que desempenha - e que consequências traz consigo - a atração física; que dedicação mútua existe (tanto frente a frente, como à distância através do mundo dos telemóveis, SMS, Whatsapp, Skype, Twitter, Instagram, Facebook, etc.); com quem e como se relacionam os dois como par, e como é que cada um se relaciona com a família e amigos ou amigos do outro; se existem suficientes âmbitos de independência na atuação pessoal de cada um (ou se, pelo contrário, faltam áreas de atuação conjunta); como programam o tempo de lazer; quais as razões de fundo que animam a continuar com a relação; como vai evoluindo e que efeitos reais produz em cada um; na relação que valor dá cada um à fé...

Há que ter em conta que, como afirma S. João Paulo II, “Muitos fenómenos negativos que hoje se lamentam na vida familiar derivam do facto que, nas situações novas, os jovens não só perdem de vista a justa hierarquia dos valores, mas, não possuindo critérios seguros de comportamento, não sabem como enfrentar e resolver as novas dificuldades. Contudo a experiência ensina que os jovens bem preparados para vida familiar, em geral, têm mais êxito do que os outros”[3].

Logicamente, importa também conhecer a situação real do outro em alguns aspetos que, diretamente, podem não fazer parte da relação de namoro: comportamento familiar, profissional e social; saúde e doenças relevantes; equilíbrio psíquico; disponibilidade e utilização de recursos económicos e previsão do futuro; capacidade de compromisso e lealdade perante as obrigações assumidas; serenidade e equanimidade na abordagem de questões ou situações difíceis, etc.

Companheiros de viagem

É importante saber que tipo de caminho desejo percorrer com o meu *companheiro de viagem*, na sua fase inicial: o namoro. Comprovar que ambos alcançamos os pontos altos do caminho, sabendo que seremos companheiros na peregrinação da vida. É conveniente passar por cada um dos pontos de referência. Para isso podemos fazer algumas perguntas concretas e práticas que se dirijam não tanto ao conhecimento do outro como pessoa, mas ao conhecimento do estado da própria relação do namoro em si mesma.

Quanto é que crescemos desde que começámos a namorar? Como nos teremos enriquecido ou empobrecido, na nossa maturidade pessoal humana e cristã? Há equilíbrio e proporção naquilo que ocupa a mente, o tempo e o coração? Existe um conhecimento cada vez mais profundo e uma confiança cada vez maior? Sabemos muito bem quais são os pontos fortes e débeis nossos e do outro? Procuramos ajudar-nos a conseguir o melhor de cada um? Sabemos ser ao mesmo tempo compreensivos - para respeitar o modo de ser de cada um e a sua particular velocidade de progressão nos esforços e lutas – e exigentes: para não nos deixarmos acomodar, pactuando com os defeitos de um e do outro? Valorizo mais o que é positivo na relação? A este respeito, o Papa Francisco afirma: “converter em algo normal o amor e não o ódio, converter em algo comum a ajuda mútua, não a indiferença ou a inimizade”[4].

No momento de expressar o amor e o carinho, temos como primeiro critério não tanto as manifestações afetivas, mas a busca do bem do outro, acima do bem próprio? Existe uma certa maturidade afetiva, pelo menos incipiente? Compartilhamos realmente valores fundamentais e existe compreensão mútua sobre o plano futuro do casamento e da família?

Sabemos dialogar sem nos zangarmos quando as opiniões são diferentes ou aparecem as divergências? Somos capazes de distinguir o importante do insignificante e, portanto, cedemos quando se trata de pormenores sem importância? Reconhecemos os próprios erros quando o outro no-lo adverte? Damo-nos conta quando, em que coisas e como se mete o amor-próprio ou a suscetibilidade? Aprendemos a lidar bem com os defeitos do outro e procuramos ao mesmo tempo ajudá-lo na sua luta? Guardamos a exclusividade da relação e evitamos interferências afetivas dificilmente compatíveis com ela? Perguntamo-nos com frequência como melhorar a nossa convivência e como melhorar a própria relação?

O modo de viver a nossa relação, está intimamente relacionado com a nossa fé e as virtudes cristãs, em todos os seus aspetos? Valorizamos o facto de que o matrimónio é um sacramento, e compartilhamos a sua transcendência para a nossa vocação cristã?

Projeto de vida futura

Os aspetos expostos, nomeadamente, o conhecimento do matrimónio - o que significa casar-se, e o que implica a vida conjugal e familiar derivada da celebração -; o conhecimento do outro, em si e sobre si mesmo; e o conhecimento de si mesmo e do outro na relação do namoro, podem ajudar cada um a descobrir a pessoa certa para a futura união matrimonial. Evidentemente, cada um dará maior ou menor relevância a um ou outro aspeto mas, em qualquer caso, fundamentar-se-á em alguns dados objetivos para a sua decisão: recordemos que não se trata de pensar “quanto te amo” ou “que bem nos sentimos”, mas de decidir sobre um projeto comum e muito íntimo para a vida futura. O Papa Francisco, ao falar da família de Nazaré dá uma nova perspectiva que serve de exemplo para a família, e que ajuda a definir o compromisso: “Os caminhos de Deus são misteriosos. Mas ali o importante era a família! E isto não constituía um desperdício”[5]. Não podemos fechar um contrato com cláusula de êxito no matrimónio, mas podemos meter-nos no mistério, como o de Nazaré, para construir uma comunidade de amor.

Assim, podem detetar-se carências ou possíveis dificuldades a tempo, e podem pôr-se os meios - sobretudo se parecerem importantes - para procurar resolvê-los antes do matrimónio: nunca se deve pensar que o

casamento é uma “varinha mágica” que fará desaparecer os problemas. Por isso a sinceridade, a confiança e a comunicação no namoro podem realmente ajudar muito a decidir de modo adequado se convém ou não prosseguir aquela relação concreta com vista ao matrimónio.

Casar-se significa querer ser esposos, isto é, querer estabelecer uma comunidade conjugal com a sua natureza, propriedades e fins: “Esta união íntima, já que é o dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o bem dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união”[6].

Este ato de vontade, envolve duas decisões: querer a união - a matrimonial -, que procede naturalmente do amor esponsal próprio da pessoa enquanto feminina e masculina, e desejar estabelecê-la com a pessoa concreta do outro contraente. O processo de eleição dá lugar a diversas fases: o encontro, a paixão, o namoro e a decisão de contrair matrimónio. “A preparação dos jovens para o matrimónio e para a vida familiar é necessária hoje mais do que nunca... A preparação para o matrimónio deve ver-se e atuar-se como um processo gradual e contínuo”[7].

Juan Ignacio Bañares

Foto inicial: *Jasoliday*

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Apuntes tomados de una reunión familiar*, 11-2-1975.

[2] S. Josemaria, *Conversaciones*, n. 105.

[3] S. João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris Consortio*, n. 66.

[4] Cfr. Papa Francisco, Audiencia, *Nazaret*, 17-12-2014

[5] Cfr. Papa Francisco, Audiência, *Nazaré*, 17-12-2014

[6] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et Spes*, n. 48

[7] S. João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris Consortio*, n. 66.

Namoro: o papel dos sentimentos e das paixões

Apaixonar-se é um sentimento de atração para com outra pessoa. O que experimentamos quando nos apaixonamos? Como ajuda a fé cristã a que o enamoramento conduza a uma vida feliz? Novo editorial sobre o amor humano.



Os sentimentos são a forma mais habitual de experimentar a vida afetiva. E podemos defini-los da seguinte forma: *são estados de ânimo difusos, que têm sempre uma tonalidade positiva ou negativa e que nos aproximam ou nos afastam daquilo que temos diante de nós.* Tentarei explicar esta definição que proponho:

- A expressão *estados de ânimo* significa algo que é sobretudo *subjetivo*. A experiência é interior. É uma experiência que circula dentro da pessoa.

- A palavra *difusa* quer dizer que a informação que recebemos não é clara e precisa, mas antes vaga, etérea, pouco nítida, de perfis imprecisos e

desfigurados, e que mais tarde se vai esclarecendo na percepção da pessoa.

- *A tonalidade é sempre positiva ou negativa* e, em consequência aproxima ou afasta, busca-se esse algo ou rejeita-se. Não há sentimentos neutros; o aborrecimento, que poderia parecer uma manifestação afetiva próxima da neutralidade, é negativo e está próximo do mundo depressivo. Todos os sentimentos têm *duas faces*, cara ou coroa: amor-ódio, alegria-tristeza, felicidade-infortúnio, paz-ansiedade, etc.

Apaixonar-se é um sentimento positivo de atração que se produz para com outra pessoa e que faz com que seja procurada com perseverança. Apaixonar-se é um facto universal e de grande importância, porque aí começa o amor, que, nada mais nada menos, dará lugar à constituição de uma família.

Se imaginássemos o enamoramento como uma certa "doença", deveríamos destacar dois tipos de *sintomas*. Uns sintomas *iniciais*, que são as suas primeiras manifestações.

Para uma pessoa se enamorar de outra é preciso que se produza uma série de condições prévias que são muito relevantes.

A primeira é a *admiração*, que pode dar-se de diversos modos: pela coerência da sua vida, pelo seu espírito de trabalho, pelas dificuldades que soube superar, pela sua capacidade de compreender, e assim por diante.

A segunda é a *atração*, que no homem é mais *física* e na mulher mais *psicológica*. Para o homem significa a tendência de a procurar, de se relacionar com ela de alguma forma, de estar com ela [1]. E isso vai levar a uma mudança de comportamento: *o pensar muito nessa pessoa*, ou dito de outro modo, *tê-la na cabeça*. O espaço mental vê-se invadido por essa figura que uma vez e outra dirige os pensamentos.

A seguir vêm duas características que me parecem especialmente interessantes. Primeiro *o tempo psicológico torna-se mais rápido*, o que significa que é tão agradável a sua presença que o tempo voa, tudo vai demasiado depressa: está-se a gosto com ele/ela e saboreia-se a sua presença. Mais tarde aparece *a necessidade de partilhar...*, que desliza

por uma rampa que termina *na necessidade de realizar um projeto de vida em comum*.

A sequência pode não ser sempre linear, ainda que vá surgindo aproximadamente deste modo, com as “nuances” que se queira. Tudo isso está presente de uma maneira ou de outra: *admiração, atração física e psicológica, ter a mente “aprisionada”, o tempo subjetivo é favorável e quer-se compartilhar tudo com aquela pessoa*.

Mas ainda não se revelaram no itinerário afetivo o que chamo os sintomas *essenciais do enamoramento*, aqueles que são raiz e fundamento de tudo o que virá depois, e que consiste em dizer a alguém: *não entendo a vida sem ti*, a minha vida não tem sentido sem que tu estejas a meu lado. *Tu és parte essencial do meu projeto de vida*. Em termos mais categóricos: *necessito de ti*. Essa pessoa torna-se imprescindível.

Apaixonar-se é a forma mais sublime do amor natural. É criar uma “mitologia” privada com alguém. Descobrir que se encontrou a pessoa certa com quem caminhar em conjunto pela vida. É uma espécie de revelação súbita que ilumina toda a existência[2]. Trata-se de um encontro único entre um homem e uma mulher que se detêm um diante do outro. Nesse parar, emerge a ideia central: *compartilhar a vida, com tudo o que significa*.

Os três principais componentes do amor conjugal

Pergunta o Papa Francisco: *“Mas o que entendemos por «amor»? Apenas um sentimento, uma condição psicofísica? Sem dúvida, se for assim, não será possível construir sobre ele algo de sólido. Ao contrário, se o amor for uma relação, então será uma realidade que cresce, e como exemplo até podemos dizer que se constrói como uma casa. E a casa constrói-se, juntos, não sozinhos!... construir sobre a rocha do amor autêntico, do amor que provém de Deus”*[3].

Um dos erros mais frequentes sobre o amor, consiste em pensar que este é essencialmente um *sentimento* e que esta é a dimensão fundamental do mesmo. Diz-se também que os sentimentos vão e vêm, movem-se, oscilam, estão sujeitos a muitas mutações ao longo da vida. Esta sentença conceptual percorreu quase todo o século XX.

“A passagem do enamoramento ao noivado e, depois, ao casamento requer várias decisões, experiências interiores. (...) Ou seja: o enamoramento deve tornar-se verdadeiro amor, envolvendo a vontade e a razão num caminho – o caminho do noivado – de purificação, de maior profundidade, de tal modo que realmente o homem inteiro, com todas as suas capacidades, com o discernimento da razão, a força da vontade, possa dizer: «Sim, esta é a minha vida»” [4].

Ninguém põe em dúvida que o amor nasce de um sentimento, que é enamorar-se e experimentar uma vivência positiva que convida a ir atrás daquela pessoa. Mas, para concretizar mais os factos que quero esmiuçar, vou às normas do Ritual Romano do Casamento[5] em que são feitas três perguntas de enorme importância:

- *É de vossa livre vontade... que pretendeis celebrar o vosso Matrimónio?*

- *Estais decididos a...?*

- *Estais dispostos a...?*

Vou deter-me nestas três questões, porque aí reside o *verdadeiro tríptico do amor*, que é o fim e o ponto alto do namoro. Cada uma delas leva-nos numa direção bem precisa. Vejamo-lo.

A primeira pergunta, usa a expressão *livre vontade*. E há que dizer que *querer é essencialmente um ato da vontade*. Por outras palavras: no amor maduro a vontade põe-se em primeiro plano, e não é outra coisa que a *determinação de trabalhar o amor pretendido*. A vontade atua como um estilete que visa corrigir, polir, limar e cortar as arestas e as partes negativas da conduta, especialmente aquelas que afetam uma sã convivência. Vai ao concreto[6].

Por isso, a vontade deve representar um papel principal, sabendo além disso fazê-la atuar com alegria[7]. Isto bem o sabem os casais com muitos anos de vida em comum, com uma relação estável e positiva.

A segunda pergunta utiliza a expressão: *Estais decididos?* A palavra *decisão* refere-se a um exame, que não é outra coisa que um *ato da inteligência*. A inteligência deve agir *antes e durante*. Em primeiro lugar, sabendo escolher a pessoa mais adequada. O exame deve ser capaz de discernir se essa é a melhor das pessoas que conheceu, e a mais adequada para partilhar com ela toda a vida[8]. É a subtileza de ter os cinco sentidos bem despertos. Por isso, *inteligência* é saber distinguir o acessório do fundamental; é capacidade de síntese. Inteligência é saber captar a realidade na sua complexidade e nas suas conexões. E deve atuar também *a posteriori*, utilizando as ferramentas da razão para acompanhar com arte e habilidade a outra pessoa. O *saber levar* está repleto do que atualmente se chama *inteligência emocional*, que é a qualidade para conjugar, ajustar e unir a inteligência e a afetividade [9]: capacidade imprescindível para estabelecer uma convivência harmoniosa, equilibrada e, em última análise, feliz.

O terceiro ingrediente do amor do *casal*, embora o tenhamos mencionado no princípio, são os sentimentos. A pergunta seguinte feita no Ritual do casamento é: *Estais dispostos?* A disposição é um estado de espírito mediante o qual nos *dispomos* para fazer algo. Em sentido estrito isto depende da afetividade, que está formada por um conjunto de fenómenos de natureza subjetiva, que movem a conduta. E já se comentou, expressam-se de forma habitual através dos *sentimentos*[10].

O que significa isto e quais são as características que aqui devem ocorrer? As pessoas, homem e mulher, devem casar-se quando estiverem *profunda e mutuamente enamorados*. Não se trata de sentir-se atraídos sem mais, ou que lhes agrade ou lhes chame a atenção. Tem que ser muito mais do que isso. Porquê? Porque se trata da *opção fundamental*. Não há outra decisão tão importante e que marque tanto a existência. Trata-se, nada mais nada menos, da pessoa que vai percorrer o itinerário biográfico ao nosso lado.

Viram-se muitos fracassos em pessoas que se casaram sem estar verdadeiramente enamorados, porque namoravam há vários anos, ou “porque chegou a hora de se casar”, ou porque muitos dos amigos mais próximos já estavam casados, ou para não ficar solteiro ou solteira. E assim

poderíamos dar outras respostas inadequadas, se o matrimónio começar já com umas premissas pouco sólidas..., amores que nascem mais ou menos com materiais provenientes de destroços, mais cedo ou mais tarde, têm um mau prognóstico.

O amor conjugal deve estar estruturado com estas três notas: sentimento, vontade e inteligência. Tríptico forte, consistente. Cada um com o seu próprio espaço, que por sua vez se entrelaça na geografia do outro. “É uma aliança pela qual um homem e uma mulher constituem entre si uma comunhão de vida, ordenada ao bem dos cônjuges e à geração e educação da prole”[11]. Deste modo se pretende alcançar uma *íntima comunidade de vida e amor*, pois se trata de um *vínculo sagrado*, que não pode depender do arbítrio humano[12], porque está enraizado no sentido sobrenatural da vida, tendo Deus como seu principal artífice.

Enrique Rojas

NOTAS

[1] Há duas formas de atração: a *beleza exterior*, por um lado, e a *beleza interior* por outro. A primeira refere-se a uma certa harmonia que se reflete principalmente no rosto e em tudo o que ele representa; todo o corpo depende do rosto, ele é programático, anuncia a vida que a pessoa leva dentro. Depois está o corpo como um todo. Ambos os aspetos formam um binómio. O segundo, a *beleza interior*, há que descobri-la ao conhecer o outro, e consiste em ir adivinhando as qualidades que tem e que estão submersas, escondidas na sua cave e que é necessário ir captando gradualmente: sinceridade, exemplaridade, valores humanos sólidos, sentido espiritual da vida, etc.

[2] S. João Paulo II expressou isto com uma grande riqueza de argumentos no seu livro *Amor e Responsabilidade*. O amor conjugal é a opção fundamental, que implica a pessoa na sua totalidade.

[3] Papa Francisco, *Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio*, 14-II-2014.

[4] Bento XVI, Discurso no Parque de Bresso, Milão, na *Festa dos testemunhos*, 2-VI- 2012.

[5] Cf. *Celebração do Matrimônio*, 3ª ed., 1993, n. 60.

[6] É preciso saber distinguir, neste contexto, entre *metas* e *objetivos*. Ambos são conceitos que se assemelham, mas entre os dois há diferenças nítidas. As *metas* costumam ser gerais e amplas, enquanto os *objetivos* são mensuráveis. Por exemplo, numa relação matrimonial com dificuldades, a *meta* seria resolver as divergências mais ou menos imediatamente, o que realmente não costuma ser fácil de conseguir. Os *objetivos*, como veremos depois, são mais concretos: aprender a perdoar (e a esquecer) as recordações negativas, colocar as prioridades no outro, nas coisas de todos os dias, não guardar a lista de críticas do passado, etc. Quando se procura melhorar a vida matrimonial, é crucial ter objetivos bem definidos e procurar cumpri-los.

[7] O fim de uma educação adequada é a alegria. Educar é converter alguém em pessoa. Educar é cativar com valores que não passam de moda, e cujo resultado final é favorecer a alegria.

[8] D. Quixote, num momento determinado, diz uma máxima perfeita: “Aquele que acerta no casamento, já não lhe fica mais nada em que acertar”.

[9] Daniel Goleman foi o criador deste conceito. Remetemos aqui para seu livro *A Inteligência Emocional*. Hoje é um tema muito atual na psicologia moderna.

[10] Há quatro formas de viver a afetividade: *sentimentos*, *emoções*, *paixões* e *motivações*. Cada uma oferece uma perspectiva diferente. Os *sentimentos* constituem a vida suprema da afetividade, o modo mais comum de a viver. As *emoções* são estados mais breves e intensos, que além disso, são acompanhadas de manifestações somáticas (alegria transbordante, choro, aperto gástrico, falta de ar, dor no peito, etc.). As *paixões* têm uma intensidade mais elevada e tendem a obscurecer a compreensão ou a desfocar a ação da inteligência e os seus recursos. E, finalmente, as *motivações*, cuja palavra vem do latim *motus*: o que move, o que empurra a

fazer algo. São o fim, e portanto também o motor do comportamento, a razão de se fazer isto e não aquilo. Entre as quatro existem estreitas relações.

[11] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 1601 ss. Noutras páginas define-se o amor entre um homem e uma mulher como *humano, total, fiel e fecundo*. E se cada uma destas características se nos abrisse em leque, nos ofereceria toda a sua riqueza (vid. *ibid.*, 1612-1617).

[12] É importante saber proteger o amor. Evitar aventuras psicológicas que levem a conhecer outras pessoas e iniciar com elas uma certa relação, talvez no princípio de pouco relevo, mas na qual se pode chegar a dar uma paixão, *não desejada no princípio*, mas após a passagem de um determinado período de tempo, pode ser uma séria ameaça para o casamento. Cuidar da fidelidade nos seus pormenores mais pequenos é fundamental. E isto tem muito a ver com a *vontade*, por um lado, e em ter *uma vida espiritual forte*, por outro.

O sentido do namoro: conhecer-se, conviver, respeitar-se

Conhecer-se para amar: o namoro é o tempo em que duas pessoas se descobrem mutuamente. A Igreja convida a viver intensamente esta fase da relação, para se amar e respeitar. Novo editorial sobre o amor humano.



Conhecer-se

Para aqueles que foram chamados por Deus para a vida conjugal, a felicidade humana depende, em grande parte, da escolha da pessoa com quem irão compartilhar o resto da sua vida no matrimônio. Disto se deduz a importância que tem o discernimento sobre a pessoa apropriada: “A Igreja espera que entre um homem e uma mulher, exista primeiro o namoro, para que se conheçam mais e, portanto, se amem mais, e assim cheguem melhor preparados ao sacramento do matrimônio”[1]. Assim, esta decisão está relacionada com dois critérios: *conhecimento e risco*; quanto maior o conhecimento menor é o risco. No namoro, o conhecimento é a informação sobre a outra pessoa. Neste artigo abordar-se-ão alguns elementos que facilitarão o conhecimento e o respeito mútuo entre os namorados.

Atualmente, em alguns ambientes, pode dar-se ao conceito “amor” um sentido incorreto, o que representa um perigo numa relação onde o fundamental é o compromisso e a entrega *até que a morte os separe*: “Por isso, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher; e os dois não serão senão uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu” [2]. Por exemplo, se alguém quisesse fazer negócios com um sócio que não sabe o que é uma empresa, os dois estariam condenados ao fracasso. Com o namoro ocorre algo semelhante: é fundamental que ambos tenham a mesma ideia do amor, e que esse conceito se ajuste à verdade, isto é, ao que, realmente é o *amor*.

Hoje, muitos namorados fundamentam o namoro, e também o matrimônio, no *sentimentalismo*. Às vezes, há atitudes de conveniência e falta de transparência, ou seja, “autoenganos” que acabam depois por aparecer na vida. Com o tempo, isso pode converter-se na causa de muitas ruturas matrimoniais. Os noivos devem querer alicerçar a sua relação sobre a rocha do amor autêntico, e não sobre a areia dos sentimentos que vão e voltam[3].

O conhecimento próprio é algo essencial para que a pessoa aprenda a distinguir quando uma manifestação afetiva passa a fronteira de um sentimento ordenado, e entra na esfera do sentimentalismo, talvez egoísta. Neste processo, é essencial a virtude da temperança que ajuda cada um a ser senhor de si mesmo, já que “visa impregnar de razão as paixões e os apetites da sensibilidade humana”[4].

Pode pensar-se no amor como um tripé que tem como pontos de apoio os afetos, a inteligência e a vontade. O amor é acompanhado por uma espécie de sentimento profundo. Se acreditamos que o afeto ainda não é suficientemente intenso nem profundo, e que vale a pena manter o namoro, será necessário interrogar-se sobre o que tenho que fazer para continuar a querer (inteligência), e para pôr em prática o que decidi (vontade). Logicamente, convém alimentar a inteligência com boa formação e doutrina, caso contrário, apoiar-se-á em argumentos que levam ao sentimentalismo.

Conviver

O verdadeiro conhecimento dos outros consegue-se com a confiança recíproca. Isto mesmo tem que acontecer no namoro, que requer um relacionamento que chegue a temas profundos, relacionados com o caráter da outra pessoa: quais são as suas crenças e convicções, quais são os seus sonhos, quais são os seus valores familiares, qual é sua opinião sobre a educação dos filhos, etc.

As dificuldades de caráter são consequência do dano causado pelo pecado original na natureza humana; portanto, há que contar que todos temos momentos de mau-humor. Isso pode ser superado, contando principalmente com a graça de Deus e lutando por tornar a vida mais agradável aos outros. No entanto, há que assegurar a capacidade para conviver com o modo de ser do outro.

O mesmo sucede com as convicções e as crenças. Veem-se como uma consequência da tradição, da educação recebida ou de modo racional. No entanto, é frequente não considerar a importância que têm, ou pensar que com o tempo passarão. Podem converter-se numa grande dificuldade e, em muitos casos, ser causa de problemas conjugais. É essencial compreender que o casamento é “de um com uma; (...) A medalha tem frente e verso; e no verso há dor, abstenções, sacrifícios, abnegação”[5].

Poderia parecer ingénuo pensar que o outro vai mudar as suas convicções e crenças ou que o cônjuge será o meio para mudar. Isto não exclui que as pessoas retifiquem e melhorem com o passar do tempo e com o esforço pessoal. No entanto, um critério que pode ser útil é o seguinte: se as convicções profundas não se ajustam ao modelo que tenho para o pai ou a mãe dos meus filhos, pode ser prudente cortar. Não o fazer a tempo é um engano que, com frequência, pode levar a um futuro casamento desfeito.

É necessário discernir o que no outro é uma opinião e o que é uma crença ou convicção. Poderíamos dizer que uma *opinião* é o que se diz, sem chegar a ter a categoria de convicção, mesmo que para a expressar se use a palavra “creio”. Por exemplo, se alguém diz “creio que o casamento é para sempre”, convém saber se é uma opinião ou uma crença. A opinião envolve exceções, uma crença não. A *crença* é um valor enraizado, uma convicção sobre a qual se pode apoiar um matrimónio.

Com frequência, já depois do casamento, acontece que um dos cônjuges se dá conta que estas questões tão vitais como estar de acordo sobre o número de filhos, a sua educação cristã, ou a forma de viver a sexualidade não foram tratadas a sério durante o namoro.

O namoro cristão é um tempo para se conhecer e para confirmar que a outra pessoa coincide no que é fundamental, de maneira que não será de estranhar que ao longo desta fase um dos namorados decida que o outro não é a pessoa certa para assumir a aventura de casamento.

A personalidade vai-se formando ao longo do tempo, pelo há que pedir ao outro um nível de maturidade adequado à sua idade. No entanto, há alguns parâmetros que podem ajudar a distinguir uma pessoa com possíveis características de imaturidade: costuma tomar as decisões com base no seu estado de ânimo, custa-lhe andar contracorrente, o seu humor é volúvel, é muito suscetível, costuma ser escravo ou escrava da opinião dos outros, tolera mal as frustrações e tende a culpar os outros pelos seus fracassos, tem reações caprichosas que não correspondem à sua idade, é impaciente, não sabe propor-se metas nem suportar que se adie a recompensa que espera, custa-lhe renunciar aos seus desejos imediatos, tende a ser o centro das atenções, etc.

Respeitar-se

Como diz o Papa Francisco: “A família nasce dum desígnio de amor, que quer crescer como se constrói uma casa, e se torne um lugar de carinho, de ajuda, de esperança e de apoio”[6]. O namoro cresce como aspiração ao amor total a partir do respeito mútuo, que no fundo é o mesmo que tratar o outro como o que é: uma pessoa.

“O período do namoro, fundamental para construir o casal, é um tempo de expectativa e de preparação, que deve ser vivido na castidade dos gestos e das palavras. Isto permite amadurecer no amor, na solicitude e nas atenções ao outro; ajuda a exercer o domínio de si, a desenvolver o respeito pelo outro, características do verdadeiro amor, que não procura em primeiro lugar a própria satisfação nem o seu bem-estar” [7].

Este facto tem diversas consequências, cujo fundamento é a dignidade humana: não se pode pedir ao namorado ou à namorada aquilo que não pode ou não deve dar, caindo em chantagens sentimentais, por exemplo, em aspetos que se referem a manifestações afetivas ou de índole sexual, mais próprias da vida matrimonial do que da relação de namoro.

A relação mútua entre namorados cristãos deverá ser a que têm duas pessoas que se amam, mas que ainda não decidiram entregar-se totalmente ao outro no matrimónio. Por isso, terão que ser delicados, elegantes e respeitosos, conscientes da sua condição de homem e de mulher, apagando as primeiras chispas da paixão que possam surgir, evitando pôr o outro em circunstâncias limite.

Em conclusão, podemos dizer que um namoro bem vivido, em que se conheça a fundo e se respeite a outra pessoa, será o meio mais adequado para ter um bom matrimónio, seguindo o conselho do Papa Francisco: “Viver juntos é uma arte, um caminho paciente, bonito e fascinante que possui regras que podem ser resumidas nas palavras: «com licença, ou seja, posso?», «obrigado», «desculpa, perdão»"[8].

José María Contreras

(Foto inicial: -=shutterbug=-)

NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 31-X-1972.

[2] *Mc* 10, 7-9.

[3] Cfr. Papa Francisco, Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio, 14-II-2014.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, 2337.

[5] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 21-VI-1970.

[6] Papa Francisco, Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio, 14-II-2014.

[7] Bento XVI, Mensagem para a XXII Jornada Mundial da Juventude.

[8] Papa Francisco, Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio, 14-II-2014.

Namoro e vida cristã

Continua a série de textos sobre o amor humano. Desta vez, aborda-se o namoro, tempo de discernimento e crescimento na vida cristã.



Da mesma forma que o casamento é uma chamada à entrega incondicional, o namoro deve considerar-se um tempo de discernimento para que os namorados se conheçam e decidam dar o passo seguinte, entregar-se um ao outro para sempre.

É doutrina da Igreja o chamamento universal à santidade e nela se engloba toda a vida do homem [1]. Este chamamento não se limita a uma mera observância de uns preceitos, trata-se de seguir Cristo e parecer-se cada vez mais com Ele. Isto, que humanamente é impossível, pode realizar-se deixando-se conduzir pela graça de Deus.

Chamamento universal à santidade, também no namoro

Nesta tarefa, não há *tempos mortos*; também o namoro é um ambiente propício para o crescimento da vida cristã. Viver cristãmente o namoro supõe deixar que Deus tenha lugar entre os namorados, e não como uma contrariedade, mas precisamente para dar sentido ao namoro e à vida de cada um. “Por conseguinte, fazei deste vosso tempo de preparação para o matrimônio um percurso de fé: redescobri para a vossa vida de casal a centralidade de Jesus Cristo e do caminhar na Igreja” [2].

Qual é o sinal certo que indica que se está a viver um namoro cristão? Quando esse amor ajuda cada um a estar mais perto de Deus, a amá-Lo mais. “Não tenhas dúvidas: o coração foi criado para amar. Metamos, pois, Nosso Senhor Jesus Cristo em todos os nossos amores. Senão, o coração vazio vinga-se, e enche-se das baixezas mais desprezíveis” [3].

Quanto mais e melhor se amem os namorados, mais e melhor amarão a Deus, e ao contrário. Desta maneira cumprem os dois primeiros mandamentos do Decálogo: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”[4].

Aprender a Amar

Convém que os namorados alimentem o seu amor com boa doutrina, que leiam algum livro sobre os aspetos decisivos da sua relação: o amor humano, o papel dos sentimentos, o casamento, etc. A Sagrada Escritura, os documentos do Magistério da Igreja e outros livros de divulgação são bons companheiros de caminho. É muito recomendável pedir conselho a pessoas de confiança, que possam orientar essas leituras, que vão formando a sua consciência e sugiram temas de conversa que os ajudem a conhecer-se.

Além da formação intelectual, é importante que os namorados se entusiasmem pela beleza e desenvolvam a sensibilidade. Sem um adequado enriquecimento desta, é muito difícil ser pessoas delicadas na convivência. É uma boa ideia partilhar o gosto pela boa literatura, a música, a pintura, a arte que eleva o homem, e a não cair no consumismo.

As virtudes humanas e o namoro

Amar supõe dar-se ao outro, e aprender a amar com pequenas lutas.

O namoro, “como toda a escola de amor, deve ser inspirado não pela ânsia de posse, mas por espírito de entrega, de compreensão, de respeito, de delicadeza” [5].

Desenvolver as *virtudes humanas* torna-nos melhores pessoas, são o fundamento das virtudes sobrenaturais que nos ajudam a ser bons filhos de Deus e nos aproximam da santidade, da plenitude do homem. Numa época em que tanto se fala de "motivação" convém considerar que não há melhor motivação para crescer como pessoa, que o Amor a Deus e ao namorado ou à namorada.

A *generosidade* demonstra-se pela renúncia – em pequenos atos – àquilo que preferimos, para agradar ao outro. É uma grande demonstração de amor, ainda que, ele ou ela, não se dê conta. Os namorados devem estar *abertos* aos outros, desenvolver as amizades. “Gostaria de vos dizer antes de tudo que eviteis fechar-vos em relações intimistas, falsamente animadoras; fazei antes com que a vossa relação se torne fermento de uma presença ativa e responsável na comunidade”[6].

A dedicação aos amigos, aos necessitados, a participação na vida pública, em suma, lutar por ideais, permitem abrir a relação e fazê-la crescer. Os namorados estão chamados a fazer apostolado e a dar testemunho do seu amor.

A *modéstia* e a *delicadeza* no trato estão ligadas a um Amor (com maiúscula) que transcende o humano e se fundamenta no sobrenatural, tendo como modelo o amor de Cristo pela sua Esposa, que é a Igreja [7]. Para alcançar esse amor devem cuidar-se os sentidos e as manifestações afetivas impróprias do namoro, evitando situações que incomodem o outro ou possam ser ocasião de tentações ou de pecado. Se realmente se ama uma pessoa, faz-se todo o possível por respeitá-la, evitando fazê-la passar um mau momento, ou fazendo algo que vá contra a sua dignidade. O namoro supõe um compromisso que inclui ajudar a outra pessoa a ser melhor e uma relação com carácter exclusivo que há que cuidar e respeitar.

Não se deve esquecer o *bom humor* e a *confiança* na outra pessoa e na sua capacidade de melhorar. É bom crescer juntos no namoro, mas igualmente importante é que cada um cresça como pessoa; isso ajudará e enobrecerá o relacionamento.

A *sobriedade* permite apreciar as pequenas coisas e os pormenores. Demonstra mais amor uma dádiva, consequência de conhecer os pequenos desejos do outro, que uma grande despesa em algo que é óbvio. Une mais dar um passeio, do que ir juntos ao cinema por costume; visitar uma exposição gratuita do que ir às compras.

E dentro da sobriedade poderia enquadrar-se o *bom uso do tempo livre*. O ócio e o excesso de tempo livre é um mau fundamento para crescer em virtudes, leva ao aborrecimento e a deixar-se levar pela corrente. Por isso, convém planear o tempo que se passa juntos, onde, com quem e o que se vai fazer.

Os hábitos (virtudes) e costumes que se vivam e desenvolvam no namoro são a base sobre a qual se apoiará e crescerá o futuro casamento.

As armas dos namorados

Na luta por alcançar a santidade, os namorados dispõem de estupendas ajudas.

Em primeiro lugar, há que situar os *Sacramentos*, meios através dos quais Deus concede a sua graça. São, portanto, imprescindíveis para viver cristãmente o namoro. Assistir juntos à Santa Missa ou fazer uma breve visita ao Santíssimo Sacramento supõe compartilhar o momento cume da vida do cristão. A experiência de muitos pares de namorados confirma que é algo que une profundamente. Se um dos dois tem menos prática religiosa, o namoro é uma oportunidade de descobrir juntos a beleza da fé, e este será certamente um ponto de união. Esta tarefa exigirá, em geral, paciência e bom exemplo, recorrendo desde o primeiro momento à ajuda da graça de Deus.

Através da *confissão* recebe-se o perdão dos pecados, a graça para continuar a lutar por alcançar a santidade. Sempre que seja possível, é

conveniente recorrer ao mesmo confessor, alguém que nos conheça e nos ajude nas nossas circunstâncias concretas.

Se afirmamos que Deus é Pai e que a meta do cristão é parecer-se com Jesus, é natural ter um relacionamento pessoal com quem sabemos que nos ama. Por meio da *oração* os namorados alimentam a sua alma, fazem crescer os seus desejos de avançar na sua vida cristã, dão graças, pedem um pelo outro e pelos outros. É bonito que juntos pronunciem o nome de Deus, de Jesus ou de Maria, por exemplo rezando o *Terço* ou fazendo uma romaria à Virgem.

“São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia. Isto não é rejeição do eros, não é o seu «envenenamento», mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza”[8]. Não podemos esquecer que a *mortificação* significa renunciar a algo por um motivo generoso, e que é parte principal na luta ascética por ser santos. Às vezes será ceder na opinião, ou alterar um plano que apetece menos ao outro; ou não ir a lugares nem ver séries ou filmes, que podem fazer tropeçar no caminho para ser santos. No amor encontra-se o sentido da renúncia.

Viver o namoro com *sobriedade* e preparar dessa mesma maneira a cerimónia é uma base formidável para viver um casamento cristão. “Mas ao mesmo tempo, é bom que o vosso matrimónio seja sóbrio e permita salientar aquilo que é verdadeiramente importante. Algumas pessoas estão mais preocupadas com os sinais exteriores, com o banquete, com as fotografias, com as roupas e com as flores... Trata-se de elementos importantes numa festa, mas somente se forem capazes de indicar o motivo autêntico da vossa alegria: a bênção do Senhor sobre o vosso amor”[9].

O namoro não é uma pausa na vida cristã dos namorados, mas um tempo para crescer e partilhar os próprios desejos de santidade com aquela pessoa que, no matrimónio, porá o seu nome no nosso caminho para o Céu.

Aníbal Cuevas

NOTAS

[1] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium* (LG), 11, c. Desde 1928, S. Josemaria pregou a vocação universal à santidade na Igreja para todos os fiéis; *vid.*, p. ex., *Cristo que Passa*, n. 21.

[2] Bento XVI, *Discurso*, Ancona, 11-IX-2011.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 800.

[4] *Mt* 22,37-39.

[5] S. Josemaria, *Temas atuais do Cristianismo*, n. 105.

[6] Bento XVI, *Discurso*, Ancona, 11-IX-2011.

[7] Cfr. *Ef* 5, 21-33.

[8] Bento XVI, Enc. *Deus Caritas Est*, n. 5.

[9] Papa Francisco, *Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio*, 14-II-2014.

O mistério do matrimónio

No ano mariano para a família que se está a viver no Opus Dei, iniciamos uma série de editoriais sobre o amor humano. O primeiro texto centra-se no matrimónio.



A realidade humana do matrimónio

O matrimónio é uma realidade *natural*, que corresponde ao modo de ser pessoa, homem ou mulher. Nesse sentido, a Igreja ensina que "O próprio Deus é o autor do matrimónio (GS 48, 1). A vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador"[1].

No fundamental, não é uma criação cultural, já que apenas o matrimónio reflete plenamente a dignidade da união entre o homem e a mulher. As suas características não foram estabelecidas por nenhuma religião, sociedade, legislação ou autoridade humana; nem foram

selecionadas para conformar diferentes *modelos* matrimoniais e familiares segundo as preferências do momento.

No plano de Deus, o matrimónio *fundamenta-se* na natureza humana e dela são reflexo as suas propriedades.

A relação especificamente matrimonial

O matrimónio também não nasce de uma espécie de acordo entre duas pessoas que querem estar juntas mais ou menos estavelmente. Nasce de um *pacto conjugal*: do ato livre pelo qual uma mulher e um homem se entregam e se recebem mutuamente para constituírem um casal, fundamento e origem de uma família.

A *totalidade* da doação mútua é a chave daquilo em que consiste o matrimónio, porque dela derivam as suas qualidades essenciais e os seus próprios fins.

Por isso, é *entrega* irrevogável. Os cônjuges deixam de ser donos exclusivos de si mesmos nos aspetos conjugais, e passam a pertencer cada um ao outro quanto a si mesmos. Um *deve-se* ao outro: não só *estão* casados, mas *são* esposos. A sua identidade pessoal ficou modificada pela relação com o outro, que os vincula "até que a morte os separe". Esta *unidade* dos dois, é a mais íntima que existe na terra. Já não está em seu poder deixar de ser marido ou mulher porque eles tornaram-se "uma só carne"[2]. "A indissolubilidade, antes de ser uma condição, é um dom que deve ser desejado, pedido e vivido, para além de qualquer mutável situação humana"[3].

Uma vez nascido, o vínculo entre os cônjuges já não depende da sua vontade, mas da sua natureza - em última análise de Deus Criador -, que os *uniu*. A sua liberdade já não se refere à possibilidade de *ser* ou *não ser* casados, mas a de procurar ou não viver de acordo com a verdade daquilo que são.

A "totalidade" natural da entrega propriamente matrimonial

Na verdade, só uma entrega que seja dom total de si e aceitação também total, correspondem às exigências da dignidade da pessoa.

Esta totalidade só pode ser *exclusiva*: é impossível se se dá uma mudança simultânea ou alternativa no casal, enquanto viverem os dois cônjuges.

Também implica a entrega e a aceitação de cada um quanto ao seu futuro: a pessoa cresce no tempo, não se esgota num episódio. Só é possível entregar-se totalmente para sempre. Esta entrega total é uma afirmação da liberdade de ambos os cônjuges.

Totalidade significa, também, que cada um dos cônjuges entrega a sua pessoa e recebe a do outro, não de modo seletivo, mas em todas as suas dimensões com significado conjugal.

Concretamente, o matrimónio é a união do homem e da mulher baseada na diferença e complementaridade sexual, que - não por acaso - é o caminho natural da transmissão da vida (aspeto necessário para que se dê a *totalidade*). O matrimónio é potencialmente fecundo por natureza: este é o fundamento natural da família.

Entrega mútua, exclusiva, perpétua e fecunda, são as características próprias do amor entre homem e mulher na sua plenitude humana de significado.

A reflexão cristã chamou-as desde tempos antigos *propriedades essenciais* (unidade e indissolubilidade) e *fins* (o bem dos cônjuges e o dos filhos) não para impor arbitrariamente um *modelo de matrimónio*, mas para tentar expressar em profundidade a verdade "do princípio"[4].

A santidade do matrimónio

A íntima comunidade de vida e de amor fundada sobre a aliança de um homem e uma mulher reflete a dignidade da pessoa humana e a sua vocação radical para o amor, e, como consequência, para a felicidade. O matrimónio, já na sua dimensão natural, tem um certo carácter *sagrado*. Por esta razão, a Igreja fala do *mistério* do matrimónio[5].

O próprio Deus na Sagrada Escritura, usa a imagem do matrimónio para Se dar a conhecer e expressar o Seu amor pelos homens[6]. A unidade dos dois, criados à imagem de Deus, tem de certo modo a semelhança divina, e ajuda-nos a vislumbrar o mistério do amor de Deus que escapa ao nosso conhecimento imediato[7].

Mas, o ser humano ficou profundamente afetado pelas feridas do pecado. E também o matrimónio ficou enfraquecido e perturbado[8]. Isto explica os erros, teóricos e práticos, que se dão sobre a sua verdade.

No entanto, a *verdade da criação* subsiste enraizada na natureza humana [9], de modo a que as pessoas de boa vontade se sintam inclinadas a *não se conformar* com uma versão degradada da união entre homem e mulher. O verdadeiro significado do amor - mesmo com as dificuldades que experimenta - permite a Deus, entre outros modos, dar-Se a conhecer e realizar gradualmente o seu plano de salvação, que culmina em Cristo.

O Matrimónio, redimido por Jesus Cristo

Jesus ensina na sua pregação, de um modo novo e definitivo, a verdade originária do matrimónio[10]. A "dureza do coração", consequência da queda, incapacitava para *compreender totalmente* as exigências da entrega conjugal, e *considerá-las realizáveis*.

Mas, chegada a *plenitude dos tempos*, o Filho de Deus "revela a verdade originária do matrimónio, a verdade do «princípio» e, libertando o homem da dureza do seu coração, *torna-o capaz de a realizar inteiramente*" [11], porque "seguindo Cristo, renunciando a si mesmos, tomando sobre si as suas cruzes, os cônjuges poderão «compreender» o significado original do matrimónio e vivê-lo com a ajuda de Cristo"[12].

O Matrimónio, sacramento da Nova Lei

Ao constituir o matrimónio entre batizados em sacramento[13], Jesus leva a uma plenitude nova, sobrenatural, o seu significado na criação e sob a Antiga Lei, plenitude para a qual já estava ordenado interiormente[14].

O matrimónio sacramental converte-se em via por meio da qual os cônjuges recebem a ação santificadora de Cristo, não só individualmente como batizados, mas pela participação da *unidade dos dois* na Nova Aliança, através da qual Cristo se uniu a Igreja [15]. Assim, o Concílio Vaticano II chama-o "imagem e *participação* da aliança de amor entre Cristo e a Igreja" [16].

Isto significa, entre outras coisas, que a união dos cônjuges com Cristo não é *extrínseca* (ou seja, como se o matrimónio fosse mais uma circunstância da vida), mas *intrínseca*: dá-se através da eficácia sacramental, santificadora, da própria realidade matrimonial[17]. Deus vem ao encontro dos esposos, e permanece com eles como garante do seu amor conjugal e da eficácia da sua união, para tornar presente entre os homens o Seu Amor.

Portanto, o sacramento não é principalmente a celebração, mas o matrimónio, isto é, a "unidade dos dois", que é "sinal permanente" (pela sua unidade indissolúvel) da união de Cristo com a sua Igreja. Daí que a graça do sacramento acompanhe os cônjuges ao longo da sua existência [18].

Assim, "o conteúdo da participação na vida de Cristo é também específico: o amor conjugal comporta uma totalidade na qual todos os componentes vêm da pessoa (...). Numa palavra, trata-se de características normais do amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e consolida, mas eleva-as ao ponto de as tornar a expressão dos valores propriamente cristãos [19].

Muito cedo, a consideração deste pleno significado do matrimónio, à luz da fé e com as graças que o Senhor lhe concedia para compreender o valor da vida comum nos planos de Deus, levou S. Josemaria a entendê-lo como verdadeira e própria vocação cristã: "Os casados estão chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união: cometeriam, por isso, um grave erro, se edificassem a sua vida espiritual à margem do lar" [20].

NOTAS

- [1] Catecismo da Igreja Católica, n. 1603.
- [2] *Mt* 19, 6.
- [3] Bento XVI, Discurso no encontro com os namorados, Ancona, 11-IX-2011.
- [4] Cfr. *Mt* 19, 4.8.
- [5] Cfr. *Ef* 5, 22-23.
- [6] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1602.
- [7] Cfr. Bento XVI, *Deus Caritas Est*, n. 11.
- [8] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1608.
- [9] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1608.
- [10] Cfr. *Mt* 19, 3-4.
- [11] S. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 13.
- [12] Catecismo da Igreja Católica, 1615.
- [13] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1617.
- [14] Cfr. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 13.
- [15] Cfr. *Ef* 5, 25-27.
- [16] *Gaudium et Spes*, n. 48.
- [17] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, nn. 1638 ss.
- [18] Cfr. S. João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 56.
- [19] S. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 13.
- [20] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 23.

O matrimónio: uma vocação e um caminho divino

Chegarem juntos ao Céu: esse é o anseio que pode impulsionar cada casal. Disponibiliza-se um novo editorial sobre o amor humano.



Deram a volta ao mundo umas palavras do Papa Francisco, no encontro com as famílias que teve lugar em Manila:

“Não é possível uma família sem sonhar. Quando numa família se perde a capacidade de sonhar, de amar, essa energia de sonhar perde-se, por isso lhes recomendo que à noite, quando façam o exame de consciência, também se façam esta pergunta: hoje sonhei com o futuro dos meus filhos, hoje sonhei com o amor do meu esposo ou esposa, sonhei com a história dos meus avós?” [1].

Sonhar

Esta capacidade de sonhar tem a ver com a “ilusão” – no sentido castelhano do termo – que pomos nos nossos horizontes e esperanças,

sobretudo na relação com as pessoas, ou seja, os bens ou êxitos que lhes desejamos, as esperanças que temos a seu respeito. A capacidade de sonhar equivale à capacidade de projetar o sentido da nossa vida naqueles que amamos. Por isso é, efetivamente, algo representativo de cada família.

Desde muito cedo, S. Josemaria contribuiu para recordar, no quadro dos ensinamentos da Igreja, que o matrimónio – germen da família – é, no pleno sentido da palavra, uma chamada específica à santidade dentro da comum vocação cristã: um caminho vocacional, diferente mas complementar ao do celibato – seja sacerdotal ou laical – ou para a vida religiosa. “O amor, que conduz ao matrimónio e à família, pode também ser um caminho divino, vocacional, maravilhoso, via para uma completa dedicação ao nosso Deus” [2].

Por outro lado, esta chamada de Deus no matrimónio não significa de modo algum diminuir os requisitos que supõe seguir Jesus. Pois, se “tudo contribui para o bem dos que amam a Deus”[3], os esposos cristãos encontram na vida matrimonial e familiar a matéria da sua santificação pessoal, quer dizer, da sua pessoal identificação com Jesus Cristo: sacrifícios e alegrias, gozos e renúncias, o trabalho no lar e fora dele, são os elementos com que, à luz da fé, constroem o edifício da Igreja.

Sonhar, para um cristão, com a esposa ou com o esposo, é olhá-lo com os olhos de Deus. É contemplar, prolongado no tempo, a realização do projeto que o Senhor tem pensado e quer, para cada um, e para os dois na sua concreta relação matrimonial. É desejar que esses planos divinos se façam realidade na família, nos filhos – se Deus os manda – nos avós e nos amigos que a providência vá colocando para os acompanhar na viagem da vida. É, afinal, ver cada um o outro como o seu particular *caminho* para o Céu.

O segredo da família

Com efeito, Cristo fez do matrimónio um caminho divino de santidade, para encontrar Deus no meio das ocupações diárias, da família e do trabalho, para situar a amizade, as alegrias e as penas – porque não há cristianismo sem Cruz – e as mil pequenas coisas do lar ao nível eterno do amor. Eis o segredo do matrimónio e da família. Assim se antecipa a

contemplação e o gozo do céu, onde encontraremos a felicidade completa e definitiva.

No quadro desse “caminho divino” de amor matrimonial, S. Josemaria falava do significado cristão, profundo e belo, da relação conjugal: “Noutros sacramentos a matéria é o pão, é o vinho, é a água... Aqui são os vossos corpos. (...). Vejo o leito conjugal como um altar; está ali a matéria do sacramento” [4]. A expressão *altar* não deixa de ser surpreendente e ao, mesmo tempo, é consequência lógica de uma leitura profunda do matrimônio, que tem na *una caro*[5] – a união completa dos corpos humanos, criados à imagem e semelhança de Deus – o seu núcleo.

Nesta perspetiva se entende que os esposos cristãos expressem, na linguagem da corporalidade, o próprio do sacramento do matrimônio: com a sua entrega mútua, louvam a Deus e dão-Lhe glória, anunciam e atualizam o amor entre Cristo e a Igreja, secundando a obra do Espírito Santo nos seus corações. E daí vem, para os esposos, para a sua família e para o mundo, uma corrente de graça, de força e de vida divina que tudo rejuvenesce.

Isto requer uma preparação e uma formação contínua, uma luta positiva e constante: “Os símbolos fortes do corpo – observa o Papa Francisco – têm as chaves da alma: não podemos tratar os laços da carne com ligeireza, sem abrir uma ferida duradoura no espírito” [6].

O vínculo que surge a partir do consentimento matrimonial fica selado e é enriquecido pelas relações íntimas entre os esposos. A graça de Deus que receberam desde o Baptismo, encontra um novo canal que não se justapõe ao amor humano, antes o assume. O sacramento do matrimônio não supõe um acrescento externo ao matrimônio natural; a graça sacramental específica informa os cônjuges a partir de dentro e ajuda-os a viver a sua relação com exclusividade, fidelidade e fecundidade: “É importante que os esposos adquiram o sentido claro da dignidade da sua vocação, que saibam que foram chamados por Deus a chegar ao amor divino também através do amor humano; que foram eleitos, desde a eternidade, para cooperar com o poder criador de Deus na procriação e depois na educação dos filhos; que o Senhor lhes pede que façam, do seu lar e da sua vida familiar inteira, um testemunho de todas as virtudes cristãs” [7].

Os filhos são sempre o melhor “investimento”, e a família a “empresa” mais sólida, a maior e a mais fascinante aventura. Todos contribuem com o seu papel, mas a novela resultante é muito mais interessante do que a soma das histórias singulares, porque Deus atua e faz maravilhas.

Daí a importância de saber compreender – os esposos entre si e os filhos – de aprender a pedir desculpa, de amar – como ensinava S. Josemaria – todos os defeitos mútuos, sempre que não sejam ofensa a Deus[8]. “E, na vida dos cônjuges, quantas dificuldades se resolvem, se conservarmos um espaço para o sonho, se nos detivermos a pensar no cônjuge e sonharmos com a bondade, com as coisas boas que tem. Por isso, é muito importante recuperar o amor através do sonho de cada dia. Nunca deixeis de ser namorados!”[9].

Parafraseando o Papa, poder-se-ia acrescentar: que os esposos nunca deixem de se sentar para compartilhar e recordar os momentos belos e as dificuldades que atravessaram juntos, para considerar as circunstâncias que provocaram êxitos ou fracassos, ou para recobrar um pouco de alento, ou para que os dois pensem na educação dos filhos.

Fundamento do futuro da humanidade

A vida matrimonial e familiar não é instalar-se numa existência segura e cómoda, mas antes dedicar-se um ao outro e dedicar generosamente tempo aos restantes membros da família, começando pela educação dos filhos – o que inclui facilitar a aprendizagem das virtudes e a iniciação na vida cristã – para abrir-se continuamente aos amigos, a outras famílias e, especialmente, aos mais necessitados. Deste modo, mediante a coerência da fé vivida em família, se comunica a boa nova – o Evangelho – de que Cristo continua presente e nos convida a segui-lo.

Jesus revela-se aos filhos através do pai e da mãe, pois para ambos, cada filho é, antes de tudo, um filho de Deus, único e irrepetível, com quem Deus foi o primeiro a sonhar. Por isso, João Paulo II podia afirmar que “o futuro da humanidade se constrói na família”[10].

As famílias que não puderam ter filhos

E qual seria o sentido que devem dar ao seu matrimônio os esposos cristãos que não tenham descendência? A esta pergunta, S. Josemaria respondia que, antes de mais, deveriam pedir a Deus que os abençoe com filhos, se for essa a Sua Vontade, como abençoou os Patriarcas do Antigo Testamento; e depois que recorram a um bom médico. “Se apesar de tudo, o Senhor não lhes dá filhos, não hão-de ver nisso nenhuma frustração: hão-de estar contentes, descobrindo nesse mesmo facto a Vontade de Deus para eles. Muitas vezes o Senhor não concede filhos porque pede mais. Pede que se tenha o mesmo esforço e a mesma delicada entrega, ajudando o próximo, sem a alegria humana de ter tido filhos: não há, pois, motivo para se sentirem fracassados nem para dar lugar à tristeza”.

E acrescentava: "Se os esposos têm vida interior, compreenderão que Deus os urge, impulsionando-os a fazer da sua vida um serviço cristão generoso, um apostolado diverso do que realizariam nos seus filhos, mas igualmente maravilhoso. Que olhem à sua volta e descobrirão de imediato pessoas que necessitam de ajuda, caridade e carinho. Além disso, há muitos trabalhos apostólicos em que podem trabalhar. E se sabem pôr o coração nessa tarefa, se sabem dar-se generosamente aos outros, esquecendo-se de si próprios, terão uma fecundidade esplêndida, uma paternidade espiritual que encherá a sua alma de verdadeira paz"[11].

Em todo caso, S. Josemaria gostava de se referir às famílias dos primeiros cristãos: “Aquelas famílias que viveram de Cristo e que O deram a conhecer. Pequenas comunidades cristãs, que foram como centros de irradiação da mensagem evangélica. Lares iguais aos outros lares daqueles tempos, mas animados de um espírito novo, que contagiava quem os conhecia e os tratava. Isso foram os primeiros cristãos, e isso temos que ser os cristãos de hoje: semeadores de paz e de alegria, da paz e da alegria que Jesus nos trouxe”[12].

R. Pellitero

NOTAS

[1] Papa Francisco, *Discurso no Encontro com as famílias*, Manila, Filipinas, 16-01-2015.

[2] Cfr. S. Josemaria, Homilia “Amar o mundo apaixonadamente”, em *Temas actuais do cristianismo*, n. 121; cfr. “O matrimónio, vocação cristã”, em *Amigos de Deus*.

[3] *Ro* 8, 28.

[4] S. Josemaria, *Apontamentos tomados de uma reunião familiar* (1967), recolhido em *Diccionario de San Josemaria*, Burgos 2013, p. 490.

[5] Cf. *Gn* 2, 24; *Mc* 10, 8.

[6] Papa Francisco, *Audiência geral*, 27-05-2015.

[7] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, n. 93.

[8] Cf. S. Josemaria, *Apontamentos tomados de uma reunião familiar*, 7-VII-1974.

[9] Papa Francisco, *Discurso no Encontro com as famílias*, Manila, Filipinas, 16-01-2015.

[10] S. João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 86.

[11] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, n. 96.

[12] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 30.

Dias dos namorados: 5 áudios em português para ouvir em conjunto

150 rapazes e raparigas assistiram às 5 sessões do curso “Aprender a namorar” realizado no auditório do Oratório de S. Josemaria (Lisboa) em Outubro de 2018.



Veja os vídeos

Vídeo: "Uma oportunidade para ser felizes"

Neste documentário disponibilizam-se ensinamentos práticos de S. Josemaria e testemunhos de casais ingleses, escoceses e irlandeses que falam sobre os desafios da vida familiar. Vídeo legendado em português.

Disponível para download em <https://vimeo.com/122961545>



Veja o vídeo